

RELEVÂNCIA DO RASTREAMENTO NO AGRONEGÓCIO DA CARNE BOVINA

Pedro Paulo Pires

EMBRAPA Gado de Corte

Há alguns anos a qualidade e segurança dos alimentos destinados ao consumo humano e o cuidado com o impacto ambiental deixaram de ser aspectos socioeconômicos de poucos e passaram a ser uma exigência diferencial na cadeia produtiva de vários alimentos, inclusive a carne.

A pecuária de corte brasileira que vinha almejando um crescimento significativo após os anos 90, encontra-se na obrigação de produzir carne de forma eficaz. Como o maior exportador de carne do mundo o Brasil se preocupa em expandir esse mercado cumprindo as exigências que aumentam cada vez mais.

Com as pressões impostas pela globalização, a competitividade passa a ser um fator significativo e da mesma forma a preocupação com a qualidade e segurança são pontos de diferenciação entre os mercados.

Estamos atendendo consumidores, de todo o mundo, que visam qualidade e segurança dos produtos que têm em sua mesa. Incertezas como o tipo de alimentação oferecida aos animais, uso de hormônios, uso de alimentos transgênicos ou ainda contaminados, com algum tipo de agente infeccioso, acabarão por aumentar ainda mais as expectativas sobre nossos produtos.

Dentro desse contexto, a rastreabilidade tem sido comumente citada como um dos meios de proporcionar maior credibilidade e segurança à carne bovina e seus derivados junto aos consumidores pois tem como objetivo disponibilizar informações pré-cadastradas pertinentes às etapas de produção e beneficiamento, permitindo garantir procedência, detectar problemas ou mesmo avaliar os riscos de ocorrências dos mesmos.

No caso da carne bovina pode-se determinar a origem de uma determinada peça disponível para comercialização e até a causa de algum problema relacionado à mesma, como por exemplo, um abscesso provocado por vacinação executada inadequadamente ou o histórico de uma carcaça considerada imprópria para consumo. O



produto assim classificado como rastreado e certificado, certamente trará, no futuro, diferencial de preço, possivelmente através de deságio.

RASTREABILIDADE E O MERCADO MUNDIAL

O surgimento de casos de BSE na Europa (UE), e o ressurgimento de focos de aftosa em alguns países e outros recentes acontecimentos mundiais relacionados à bovinocultura e à qualidade de seus produtos, provocaram embargos do comércio de carnes entre países, o que acarretou sérios prejuízos à cadeia produtiva da carne bovina, assim como à saúde humana e animal.

As exportações brasileiras à UE somavam em 2001, época dos surtos de BSE e aftosa, cerca de 400 mil toneladas. Sendo que o país tinha uma produção estimada de 6,5 milhões de toneladas de carne, mas somente 9,5% desse volume era exportado. A queda no consumo de carne bovina na Europa foi à ordem de 25%, e era justamente essa fatia de mercado que o Brasil devia dedicar-se a conquistar, mostrando ao mundo que, além de termos nosso boi alimentado com pasto temos a rastreabilidade implantada em nosso rebanho.

Esses fatos obrigaram os elos envolvidos na produção de carne mundial a refazerem os seus conceitos, e dar maior importância à segurança alimentar, conquistando dessa maneira a confiança dos consumidores. Por isso têm-se duas tendências mundiais complementares, uma seria a introdução do conceito de rastreabilidade do alimento e a outra seria uma maior exigência com relação à rotulagem.

Para atingir o primeiro lugar no ranking mundial de produção e exportação de carne, utilizamos, como passaporte a rastreabilidade, que tem como conceito, o conjunto de sistemas de informações e registros que permitem realizar estudos retrospectivos dos produtos até a origem das matérias-primas a partir das quais foram produzidos, passando pelos estabelecimentos onde foram industrializados, processados ou embalados.

O investimento em rastreabilidade corresponde a menos de 1% do custo da vida do animal e, hoje, o mercado já acena com uma valorização de 4% para o produto rastreado. A amortização dos custos dessa tecnologia pode vir de duas maneiras: por meio da melhor remuneração do produto, de acordo com a qualidade desejada pela



indústria, ou na forma de ganhos na eficiência produtiva, a partir de um gerenciamento informatizado da produção.

O Brasil tem um dos maiores rebanhos de corte do mundo e se enquadra nas melhores condições sanitárias. O risco da ocorrência de BSE (“vaca louca”) é praticamente inexistente, classificando o rebanho do país como livre desse mal. As criações são extensivas e as pastagens garantem o ganho de peso suficiente para o mercado atual.

A carne exportada segue um modelo de rotulagem com informações sobre procedência (no caso, o país), endereço e localização do frigorífico, carimbo da inspeção federal (SIF), tipo de produto (por ex, carne resfriada sem osso), tipo de corte (por exemplo: contra-filé), data de abate, prazo de validade, sexo do animal, idade etc, com as quais é possível delimitar o grupo de fornecedores.

A UE, porém, quer identificar a causa primária de um eventual problema sanitário constatado num corte exportado para alguns de seus membros. Quer saber se o problema surgiu na fase de cria, recria, engorda ou processamento de produto, o que exige malha fina. Por isso, insiste na individualização. Grande parte dos produtores acha que a normalização nesses termos não passa de barreira protecionista disfarçada. De qualquer forma, aceita como legítimos o zelo do consumidor europeu com segurança alimentar.

Está muito claro que a pecuária de corte do Brasil precisa se adequar o mais rápido possível às exigências dos grandes importadores de carne bovina, principalmente em relação à rastreabilidade, caso contrário continuará perdendo para nossos concorrentes que já estão atendendo as exigências do mercado. É fato e realidade a diferenciação de competência e eficiência dos nossos concorrentes, especialmente em relação ao marketing. Por isso, o Brasil precisa se organizar para vender a carne, ou poderemos continuar sendo um grande fornecedor do comoditie “carne vermelha”, mas sem diferenciais.

Hoje, para se ter idéia, nosso produto é comprado, não vendido. Na UE, a carne brasileira é pouco valorizada. A preferência é pelo produto argentino ou uruguaio. Apenas na falta de opção vai a nossa carne. Isso porque não possuímos padrão, nem mesmo sabemos identificar a origem do produto.

O impasse entre pecuaristas e frigoríficos tem atrasado a implantação da rastreabilidade e a certificação de rebanhos para a exportação.



A rastreabilidade é a única ferramenta de diferenciação que oferece justificativa econômica para investimentos em genética para procurar carcaças de melhor composição e teor de gordura, de sistema de resfriamento e tratamentos *post mortem* que melhorem a maciez da carne. A segmentação do mercado e a diferenciação do produto somente podem ser feitas e trabalhadas com rastreabilidade. A tendência de inclusão de etiquetas e selos de garantia incentiva à criação das alianças verticais.

A carne brasileira ainda não tem uma imagem de excelência no exterior, apesar de podermos produzir carne com baixo custo, saudável, com pouca gordura, sem agredir o meio-ambiente e com um sabor excepcional. Nunca foi desenvolvido um trabalho bem feito em marketing nesse sentido. O primeiro passo seria oferecer ao consumidor o que ele deseja. Para isso, são necessárias pesquisas sobre hábitos e preferências do consumidor. Esses hábitos estão em constantes mudanças, o consumidor está cada vez mais exigente, procurando um produto com garantia de origem e de qualidade, e ainda que tenha sido ecologicamente correta em sua produção. Essas exigências podem parecer desnecessárias, porém se não as atendermos, outros fornecedores venderão em nosso lugar.

Exemplo claro da situação do mercado mundial pode ser citado com relação às transações comerciais entre Austrália (um dos países mais avançados no sistema de rastreabilidade) e o Japão (o maior comprador de carne do mundo). Desde setembro de 2001, quando houve alguns poucos casos de BSE no Japão, ocorreu uma sensível queda no consumo de carne nesse país. E em resposta a esses acontecimentos, os australianos responderam com uma forte campanha reforçando as qualidades da carne australiana. E ainda, produtores e frigoríficos prepararam-se para atender às normas da Comunidade Européia, com o objetivo de exportar o excedente para lá.

MERCADO NACIONAL

Para o mercado nacional, que é muito grande e serve como forte pilar da cadeia da carne tem-se um grande problema, a renda do consumidor. Isto realmente está fora do alcance do produtor e da cadeia como um todo.

Metade da carne consumida no país vem de matadouros clandestinos. Dessa forma, a rastreabilidade vem em boa hora, além de



estarmos atendendo as determinações do mercado consumidor, vai controlar o volume de animais abatidos clandestinamente. Além de estar estimulando o produtor rural a se profissionalizar no gerenciamento de sua propriedade.

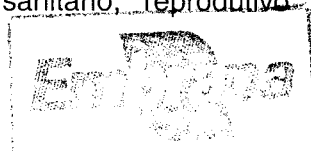
O sistema de rastreabilidade pode funcionar como uma grande ferramenta de gestão e de tomada de decisão, profissionalizando o serviço dos pecuaristas nacionais. Pois, com a identificação individual dos animais, o produtor poderá mensurar alguns parâmetros em sua propriedade, como por exemplo, através da avaliação dos dados de carcaça (peso, rendimento, qualidade). Assim como já ocorre na Austrália, essas informações, associadas com as de pedigree e produção, servem como uma poderosa ferramenta para melhorar índices zootécnicos da propriedade, trabalhando com melhoramento genético (ex. seleção dos melhores touros) e administração da propriedade (ex. escolha dos melhores fornecedores de bezerros).

A rastreabilidade apresenta alguns pontos benéficos, tais como, registro dos dados (permite um melhor controle e otimiza os processos dentro de uma companhia), melhor controle de inventário (permitindo melhores previsões para a produção), proteção aos bons produtores (diferenciando, através da rastreabilidade, os produtos de qualidade comprometedora à saúde do consumidor).

A identificação individual de animais é a primeira etapa da rastreabilidade e sua implantação varia de país para país, segundo suas peculiaridades. Os produtores precisam dela para o gerenciamento, melhoria na qualidade dos produtos e avaliação da relação benefício/custo. Os governantes, por sua vez, necessitam de identificação devido à crescente demanda dos consumidores pela segurança alimentar, para a administração efetiva das medidas de apoio ao mercado, para o controle de doenças e para a prevenção de fraudes.

A correta identificação de todos os bovinos para se saber a origem e todos os passos dessa carne até chegar às gôndolas do varejo, vai permitir ao empresário brasileiro estar apto a participar do mercado externo, com a vantagem de produzir com custos menores que seus concorrentes.

Sabendo que com esse processo será permitido um aumento da produção bovina pelo incremento da eficiência no acompanhamento do melhoramento genético e melhor controle sanitário, reprodutivo e nutricional dos animais.





A rastreabilidade é uma ferramenta de trabalho de forte apoio à gestão. O produtor precisa dela como uma nova e poderosa ferramenta de gestão, captação de dados zootécnicos e de manejo. Devido ao fato de que, para que se possa ter rastreabilidade, na cadeia produtiva da carne bovina, faz-se necessário, antes de qualquer coisa, a identificação dos animais que permite o uso de um software bem estruturado com o cadastro de todos os dados relevantes para o controle do rebanho e garantia de sua eficiência e qualidade.

Além de vantagens comerciais, a rastreabilidade traz aos pecuaristas outra vantagem importantíssima nos dias de hoje: ela é uma ferramenta de controle e administração da qualidade nas fazendas. É possível controlar produção, reprodução, nutrição, pastagens, sanidade e potencial genético do rebanho. Ganho de peso, fertilidade, qualidade de carcaça e desfrute também são avaliados com mais eficiência. Portanto, é preciso maior conscientização do mercado e dos pecuaristas, principalmente, pois o Brasil tem potencial de sobra para se tornar o maior fornecedor de carne vermelha do mundo, basta acreditar e fazer a coisa certa.

PROGRAMA EMBRAPA CARNE DE QUALIDADE

Nesse contexto, ciente da necessidade de uma ação integrada e orquestrada para o atendimento de um objetivo final comum, a Embrapa Gado de Corte iniciou o Programa Embrapa de Carne de Qualidade, arquitetado para ser um programa abrangente, audacioso e pretensioso. Tudo isso porque visa englobar todos os segmentos da cadeia produtiva da carne bovina, envolvendo, ainda, o consumidor final e ainda porque pretende não só interferir, modificando e melhorando a eficiência dos diversos segmentos componentes dessa cadeia, mas também estabelecer interações entre produtores, entre esses e os segmentos da indústria frigorífica e entre todos os segmentos componentes, incluindo a rede de distribuição, viabilizando, assim, a estruturação das chamadas alianças mercadológicas.

O programa visa criar, na população, uma consciência de consumo de carne bovina de qualidade; desenvolver novas alternativas de preparo desse alimento, novas formas de apresentação e de pratos semiprontos; conhecer o perfil do consumidor brasileiro, enquanto consumidor de carne bovina; e contribuir não só para o aumento do consumo desse produto no mercado nacional, mas também para a sua